

A salvação do mundo através da arte: a pintura

Joana Rêgo*

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Resumo: Este ensaio propõe uma reflexão sobre a pintura enquanto possível forma de salvação do mundo, entendida não num sentido redentor ou messiânico, mas como um gesto silencioso de resistência ao esquecimento da sensibilidade, da atenção e da experiência humana. Partindo da experiência da autora enquanto pintora e observadora, o texto interroga o papel contemporâneo da pintura num contexto marcado pela aceleração do tempo, pela proliferação de imagens digitais e pelo défice de atenção. A pintura surge aqui como lugar de pausa, de contemplação e de imaginação, capaz de transformar o olhar e, por essa via, reconfigurar a relação do sujeito com o mundo. Mobilizando referências literárias e artísticas, o ensaio defende que a arte não salva o mundo de forma espetacular, mas preserva a humanidade ao manter viva a capacidade de sentir, imaginar e criar sentido.

Palavras-chave: pintura, arte contemporânea, contemplação, imaginação, sensibilidade

Abstract: This essay reflects on painting as a possible means of saving the world, not in a religious or messianic sense, but as a silent gesture of resistance against the erosion of sensitivity, attention, and human experience. Drawing on the author's perspective as both painter and observer, the text examines the contemporary role of painting within a context shaped by acceleration, digital imagery, and attention deficit. Painting is understood as a space of pause, contemplation, and imagination, capable of transforming perception and reshaping our relationship with the world. Through literary and artistic references, the essay argues that art does not save the world spectacularly, but preserves humanity by sustaining our ability to feel, imagine, and create meaning.

Keywords: painting, contemporary art, contemplation, imagination, sensibility

A arte demonstra que não se sofre em vão; a beleza é o fracasso da dor.

Carlos Pellicer



P de Pausa (2009). Acrílico sobre tela, 166 x 120cm¹

Há quem diga que o mundo precisa de ser salvo – e talvez precise mesmo. Não de um apocalipse súbito nem de uma catástrofe natural, mas de algo mais silencioso e insidioso: o esquecimento da beleza, o adormecimento da sensibilidade, a indiferença perante o que é humano. A ameaça que hoje se coloca não é a destruição imediata, mas a erosão lenta da atenção e da presença.

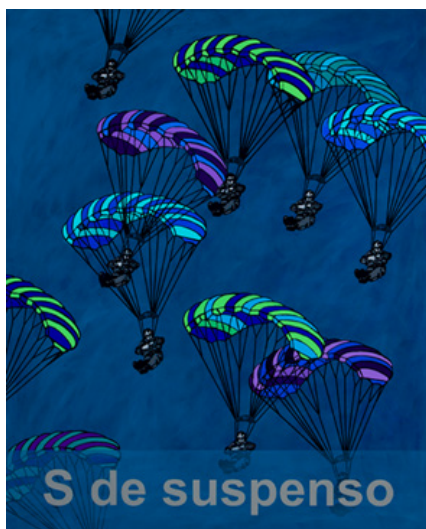
Vivemos em tempos acelerados. As telas que nos rodeiam são digitais, frias, instantâneas. O olhar – esse instrumento sagrado de contacto com o mundo – raramente se detém. Passamos pelas imagens como quem passa apressadamente por montras: vemos, mas não olhamos; olhamos, mas não sentimos. A profusão de estímulos não ampliou a nossa experiência: fragmentou-a.

Juan Villoro interroga-se, em *Não Sou um Robô*, sobre “o que é o humano hoje em dia” (2025: 9), lembrando que essa pergunta, outrora formulada por filósofos e teólogos, é agora colocada diariamente pelas máquinas, quando somos convidados a assinalar a opção “não sou um robô” (*ibidem*). A sociedade contemporânea sofre de um déficit de atenção generalizado – não por falta de interesse, mas por excesso de solicitações concorrentes.



Alvos (2019). Acrílico sobre papel, 59,4 x 42cm

É neste contexto que a arte, e em particular a pintura, reaparece como possibilidade de resistência. Pintar – e contemplar uma pintura – é resistir à pressa, à superficialidade e à exigência de utilidade imediata. A pintura propõe um tempo outro: um tempo suspenso, denso, onde a experiência não se consome, mas se aprofunda.



S de Suspenso (2012). Acrílico sobre tela, 100 x 80cm

Diante de uma tela, o espectador deixa de ser consumidor de imagens para se tornar contemplador. Algo se reorganiza interiormente nesse gesto de atenção prolongada. A contemplação é uma forma plena de presença: estar inteiro diante do que é, sem ruído, sem distração. Talvez o mundo precise, antes de tudo, de reaprender a estar presente.



P de Pausa (2010). Acrílico sobre papel, 59,4 x 42cm

Interrogar o lugar da pintura hoje implica reconhecer a sua natureza múltipla e instável. São tantos os estilos, heranças, meios e discursos que se torna difícil circunscrever o que designamos por pintura. Ainda assim, ela persiste como ideia e como forma de pensamento, continuamente voltada sobre si própria e sobre a sua capacidade de apreender o mundo. Porquê pintar? Para quê? Como continuar a fazê-lo?

A vitalidade desse questionamento é visível nos títulos de diversas publicações recentes – *Urgent Painting*, *The Power of Painting*, *Vitamin P* – que revelam uma prática longe de esgotada. Através da sua gramática própria, a pintura interpela o observador quanto à sua experiência perceptiva e à forma como o corpo se inscreve na realidade.



J de Jogar (2008). Acrílico sobre tela, 166 x 120cm

Costuma dizer-se que a arte não serve para nada. Talvez seja precisamente por isso que ela serve para tudo. Quando um artista traça uma linha sobre um suporte, não executa apenas um gesto técnico: inaugura um mundo. A pintura torna visível o invisível, dá corpo ao que é sentido, sonhado ou temido. Como lembra Juan Villoro, “Os desenhos nas grutas de Altamira revelam que ao ser humano não basta caçar bisontes: também precisa de os representar” (2025: 43).



O de Origami (2010). Acrílico sobre tela, 150 x 120cm

Ao entrar nesse mundo criado, o observador também se transforma. Por instantes, vê através do olhar de outro ser humano. É nessa troca silenciosa que pode residir uma forma de salvação: a arte atribui sentido a um mundo que frequentemente se apresenta como opaco ou indiferente.



Saber ver (2021). Acrílico sobre papel, 118,5 x 85cm



Saber imaginar (2021). Acrílico sobre papel, 118,5 x 85cm



Saber pensar (2021). Acrílico sobre papel, 118,5 x 85cm

A pintura pode, assim, ser pensada como um lugar de conhecimento. Um lugar onde se aprende a ver na escuridão, a imaginar para além das imagens dadas, a pensar para além dos conceitos estabilizados. Não se trata tanto de apresentar imagens acabadas, mas de criar as condições para que a imagem possa surgir no interior de quem olha.

Talvez possamos reformular a frase de Jorge Luis Borges e afirmar que somos também as pinturas que nos tornaram melhores – sabendo, contudo, que esse efeito não é imediato nem automático. A pintura transforma apenas aqueles que se dispõem a ser transformados.

A salvação que aqui se propõe não é religiosa, moral ou dogmática. É uma salvação da sensibilidade. Quando olhamos para uma pintura de Frida Kahlo, não vemos apenas um autorretrato: partilhamos dor, resistência, desejo de afirmação. Frida não pediu que o mundo a entendesse; pediu que o mundo sentisse. E sentir, hoje, é um gesto profundamente subversivo.

A arte não transforma o mundo de fora para dentro, mas de dentro para fora. Como defende Italo Calvino (1990), a distância em relação à experiência imediata preserva a força do desejo e permite uma relação mais intensa com o real. Um olhar transformado é capaz de transformar tudo.

Talvez a pintura não ponha termo às guerras nem elimine as desigualdades. Mas salva-nos do embrutecimento. E um ser humano sensível é, por natureza, menos violento, menos indiferente, mais atento à presença do outro.



Saber imaginar para além das imagens (2021). Acrílico e serigrafia sobre dibond, 150 x 95cm

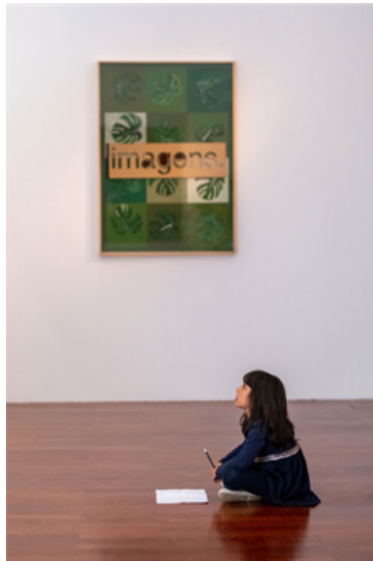


Saber ver na escuridão (2021). Acrílico e serigrafia sobre dibond, 150 x 95cm



Saber pensar para além dos conceitos (2021). Acrílico e serigrafia sobre dibond, 150 x 95cm

Cada pintor estende uma ponte entre o que é e o que poderia ser. A essa ponte chama-se imaginação. Antes de mudar o mundo, é preciso ser capaz de imaginá-lo diferente. O quadro é, assim, uma promessa: de beleza, de sentido, de cor – mesmo no meio da dor.



Detalhe de exposição *O que a palavra vê*, de Joana Rêgo, Galeria Municipal de Matosinhos, Março de 2025

Pintar é um ato de esperança. Cada pincelada afirma que ainda vale a pena expressar, transformar, deixar um traço. A pintura não precisa salvar o mundo inteiro; basta que salve um olhar. E cada olhar salvo é um coração que desperta.

Se o mundo contemporâneo se assemelha a uma autoestrada de alta velocidade, a pintura funciona como um miradouro inesperado. Obriga-nos a parar, a suspender a urgência e a recuperar o olhar como ferramenta sagrada. Nesse instante de contemplação, a nossa própria humanidade reorganiza-se.

Talvez, no fim de contas, salvar o mundo signifique apenas isto: não o deixar endurecer por completo. Manter acesa, nas cores e nas formas, a memória de que o humano ainda existe. Enquanto houver quem pinte – e quem olhe –, ainda haverá esperança.



Linha do horizonte (2025). Spray acrílico sobre papel, 152 x 475cm

Afinal, todas as imagens culminam na linha do horizonte.

Notas

* Joana Rêgo nasceu no Porto. Desde que se lembra, sempre gostou de imagens, depois de palavras, e, a partir daí, da relação das imagens com as palavras ou das palavras com as imagens. É a pintar e a pensar no que pintar que se sente feliz. Talvez por isso tenha escolhido o seu percurso: licenciou-se em Pintura pela FBAUP; viajou depois até aos EUA, onde fez um Mestrado em Pintura no San Francisco Art Institute, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento; posteriormente, realizou o seu doutoramento na FBAUP. Actualmente, para além de ser artista plástica, com inúmeras exposições e obra patente em colecções públicas e privadas, lecciona na FBAUP, onde também aprende muito.

¹ Todas as obras pictóricas reproduzidas neste texto são da autoria de Joana Rêgo.

Bibliografia

- Cruz, Calvino, Italo (1990), *Seis Propostas para o Próximo Milénio*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa, Teorema.
- Pellicer, Carlos (1990), *Antología Poética, México*, Fondo de Cultura Económica.
- Platão (2001), *A República*, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Villoro, Juan (2025), *Não Sou um Robô*, trad. Helena Pitta, Lisboa, Editora Zigurate.